

Espiritualidade da Reparação

REPARAR

- Amor com amor?
- Restaurar a imagem de Deus no homem.

Introdução:

Há poucos anos passados, a linguagem do Coração provocava risos e mal estar em muita gente. Mas hoje, se prestarmos um pouco de atenção, vamos perceber que aos poucos as “alergias” de ontem estão em vias de reabsorção. Ousa-se novamente falar do Coração de Cristo. Pontos importantes da herança recebida são valorizados, particularmente o esclarecimento de João sobre o lado aberto de Cristo, o olhar de um Francisco de Assis sobre as chagas do Crucificado e toda a contribuição dos “místicos do amor”, como São Bernardo, São João Eudes, Leão Dehon e tantos outros. A linguagem do Coração recupera seu interesse. Tudo parece sugerir que o século XXI será o do “coração”.

Por um lado, a sociedade (pelo menos nosso modelo ocidental) se organiza cada vez mais de acordo com um espírito científico, em que o racional, a lógica e a informática ocupam um lugar de destaque. Por outro lado, os que têm “o coração ferido” se tornam cada vez mais numerosos. Falar de um Deus “que tem coração”, de um Deus humano, vulnerável a todo sofrimento, a todo fracasso, misericordioso em relação a todo pecador... tem uma chance de ser entendido como uma Boa Nova, como uma libertação para o homem.

João XXIII, já desejava ardentemente uma civilização de Paz, baseada nos quatro pilares da Verdade, da Justiça, da Liberdade e do Amor (Pacem in Terris, 1963).

Diante de um mundo que se degrada rapidamente, Paulo VI lança o desafio de uma “civilização do amor”. E hoje, João Paulo II, retoma de vez em quando a expressão e a esperança de Paulo VI: “*Edificar uma civilização do amor*”. Trata-se de um novo horizonte aberto à colaboração de todos e que precisa de todos os nossos esforços.

E o culto ao Coração de Cristo e a espiritualidade da reparação nos pedem hoje uma renovação, uma nova atenção, para resituar-nos como SCJ em nosso centro de gravidade: *O Coração Transpassado*.

Sabemos que a Congregação teve sua origem na experiência de fé do Pe. Dehon, que na contemplação do lado aberto do Crucificado viu o sinal do amor que, na doação total de si mesmo, recria o homem segundo Deus (Reparação).

E contemplando o Coração de Cristo, símbolo privilegiado deste amor, somos fortalecidos em nossa vocação. E somos chamados a inserir-nos neste movimento de amor redentor, doando-nos aos irmãos, com Cristo e como Cristo (cf. Cst 21).

Em nossa espiritualidade do Coração de Cristo encontraremos aquele suplemento do amor de que a nossa civilização tem cada vez mais necessidade. E sendo atentos ao nosso mundo e aos homens de hoje, as necessidades, problemas e aspirações descobrimos o quanto nossa espiritualidade é necessária para o mundo de hoje, e encontraremos muitos motivos para viver a espiritualidade da Reparação.

Talvez tenha chegado o momento de nós, SCJ, lançarmos um novo olhar a essa riqueza incomparável que é para nós a contemplação do Coração transpassado de Jesus – e ao mesmo tempo, a exemplo do Pe. Dehon, prestar atenção ao mundo que nos rodeia, e, como ele, dedicar-nos ao serviço da Igreja e a construção do Reino do Coração de Cristo.

Sabemos que o Pe. Dehon é profundamente sensível ao pecado que enfraquece a Igreja, conhece os males que afligem a sociedade, estudou-lhes as causas no plano humano, pessoal e social. Mas percebe como causa mais profunda da miséria humana a recusa do amor de Cristo. Atraído por este amor menosprezado, Dehon quer corresponder-lhe por uma união íntima com o Coração de Cristo e pela instauração do seu Reino nas almas e na sociedade.

Esta adesão a Cristo, nascida no íntimo do coração de Leão Dehon, realiza-se em toda a sua vida, sobretudo no seu apostolado, caracterizado por uma constante preocupação pelos homens, em especial para com os mais desprezados, e pela preocupação de remediar, de maneira concreta, as deficiências pastorais da Igreja do seu tempo.

Na vida do Pe. Dehon, esta adesão se exprime e se concentra no sacrifício eucarístico, a ponto de toda a sua vida se transformar em missa continua (cf. C.^a III, p.119).

Sabemos ainda que o Pe. Dehon quis que todos os membros de sua Congregação se unissem (através de sua vida religiosa e apostólica) de maneira especial à oblação reparadora de Cristo ao Pai pelos homens. O próprio nome de Oblatos deixa bem clara esta sua intenção. Podemos afirmar que foi esta a intenção original e específica do Pe. Dehon e representa a índole própria do Instituto. Esse é portanto o serviço que a Congregação é chamada a prestar à Igreja. O Pe. Dehon mesmo costumava dizer: “Nestas palavras: “Ecce Venio... “Ecce Ancilla”... encontram-se toda a nossa vocação, a nossa fidelidade, o nosso dever e as nossas promessas”. E isto Dehon deixou registrado em seu Diretório Espiritual (DE I, 3). Pe. Dehon queria que seus religiosos fossem profetas do amor e ministros da reconciliação dos homens e do mundo com Cristo (cf. 2Cor 5,18). Desta forma, comprometidos com Cristo para reparar o pecado e a falta de amor na Igreja e no mundo, prestamos, com toda a nossa vida, nossas orações e trabalhos, sofrimentos e alegrias, o culto de amor e reparação que o seu Coração deseja (cf. NQ XXV, 5, cf. tbém. Cst 1-7).

Estas reflexões iniciais já deixam entrever várias perspectivas para uma renovação da espiritualidade reparadora, em fidelidade dinâmica ao projeto do Pe. Dehon.

Tentaremos a seguir, após uma rápida referência e explicação do termo REPARAÇÃO, estudá-lo em chave teocêntrica (Cristocêntrica) e em chave

antropocêntrica. Em ambos os momentos, veremos o objeto, o conteúdo e a práxis reparadoras.

1. O termo REPARAÇÃO.

Em o Novo Dicionário Aurélio, temos os seguintes sentidos para a palavra reparar:

- a) Fazer reparo ou conserto em..., consertar, restaurar, refazer.
- b) Recobrar, restabelecer, recuperar.
- c) Retocar, melhorar, aperfeiçoar, aprimorar.
- d) Remediar, corrigir, emendar.
- e) Indenizar, compensar, ressarcir.
- f) Dar satisfação de...

O substantivo REPARAÇÃO tem os seguintes significados, correlatos ao verbo:

- a) Ato ou efeito de reparar-(se), reparo.
- b) Restaurar, reformar, conserto, reparo.
- c) Indenização, ressarcimento.
- d) Satisfação dada à pessoa ofendida ou injuriada.
- e) Ato que pretende desagrar a Deus de ofensas cometidas pelo próprio agente ou por outrem.

Bailley (francês) afirma que *reparare* corresponde ao grego *anaplerôo* – preencher até em cima, donde derivam “completar”, “cumular” e, no sentido figurado, “restaurar”. Notamos que no NT o verbo ana-plerôo é encontrado apenas seis vezes.

Mt 13,14	}	Cumprir a lei de Cristo.
Gl 6,2		
Gl 6.20		

1Cor 16,17	}	Completo em minha carne o que falta à Paixão de Cristo.
Fl 2,30		
Cl 1,24		

2. A reparação em chave Teocêntrica.

Esta leitura parte de um conceito jurídicista da Redenção. Aliás, o pensamento ocidental explora demais o lado jurídico da redenção, tirando conclusões exageradas das imagens bíblicas do “resgate” (cf. Mt 20,28), da “compra a preço elevado” (cf. 1Cor 6,20).

Reparação é, pois, expiação, satisfação, substituição.

A contemplação de Jesus Crucificado, da sua morte e de seus sofrimentos, suscitou uma espiritualidade dolorista, principalmente a partir de Margarida Maria (interpretações exageradas e mesmo falsas sobre Margarida Maria), compaixão pelos seus sofrimentos: Consolá-lo em suas dores e tristezas.

São Leão Magno já falava em Reparação (Sermões 12 e 36). Mas ele usava a palavra para significar a restauração do homem pela misericórdia e bondade salvífica de Deus. Significa então restaurar, re-criar o homem. E isto é feito pela misericórdia de Deus. Trata-se, então, da ação desenvolvida por Deus ou por Cristo no sentido de fazer do homem uma nova criação.

Mas aos poucos vai entrando uma outra mentalidade (mais jurídica) e no Concílio de Trento já temos uma total inversão de perspectiva. Adota-se a linguagem jurídica para falar da Redenção e de Reparação. A Reparação não será mais uma iniciativa gratuita de Deus, que faz misericórdia ao homem pecador, para restaurar a sua relação filial, mas o esforço do homem para quitar a sua dívida em relação a Deus.

A Escola Francesa é bastante influenciada e marcada por essa espiritualidade da “reparação” das injúrias feitas a Deus pelo homem pecador. Deus é percebido como um grande monarca, a maneira de Luís XIV, ao qual se deve honra, louvor e glória. O pecado rouba-lhe algo desta glória. A reparação é a dinâmica compensadora desta injúria, desta ofensa.

Margarida Maria usa a palavra Reparação no sentido que lhe dá a Escola Francesa de Espiritualidade (De Berulle, Ollier, Condren).

A partir de então não se falará mais da restauração, da re-criação do homem pelo amor misericordioso de Deus. A espiritualidade da reparação centraliza-se na devoção ao Coração de Jesus. Paray-le-monial é o centro propulsor desta devoção. E as “aparições” de Nosso Senhor a Margarida Maria dão um impulso à “devoção ao Sagrado Coração”.

E foi na “grande aparição” de 1675 que Cristo lhe pediu a instituição de uma festa especial em honra de seu Coração e pediu a Reparação pelas ofensas que recebe na Eucaristia.

O exemplo de Margarida Maria sugere ainda como exercícios de reparação: a Hora Santa, a Comunhão Reparadora, a devoção das primeiras sextas-feiras e o ato de desagravo (amende conorable: reconhecer publicamente seu erro).

2.1 – O objeto final da reparação em chave teocêntrica (cristocêntrica).

O Cristo Sofredor que por nós sofreu e morreu. Cristo que nos amou e se entregou por nós. Cristo, que, apesar de seu grande amor aos homens, não é amado. Ao contrário, é ofendido, odiado, desprezado. “Eis o coração que tanto amou os homens e que não recebe da maioria – e muitas vezes dos que mais amou – senão desprezo, ingratidão, esquecimento”. Na grande aparição (1675) à Margarida Maria, Cristo continua se queixando, principalmente das pessoas mais privilegiadas (Consagradas) que não respondem a esse amor infinito. O Pe. Dehon ficou profundamente impressionado por esta mensagem de Paray.

O problema da reparação a Cristo, até poucos anos passados estava ligado à idéia da ciência de Jesus. Considerava-se que, em razão da visão beatífica, Jesus tinha um

conhecimento preciso e distinto de tudo o que dizia respeito à obra da redenção; conhecia nossos pecados todos e também sentia as “consolações” que futuramente pessoas piedosas lhe dariam. As meditações que fazíamos tempos atrás durante a Hora Santa das quintas-feiras refletiam essa visão teológica, aceita por muitos teólogos do passado.

2.2 – O conteúdo dessa Reparação é expiação, satisfação, consolação, compensação.

A reparação tem tantos aspectos quantos o pecado:

- Se o pecado é considerado como uma culpa, a reparação será expiação.
- Se o pecado é uma ofensa, a reparação da parte do homem será uma satisfação.
- Se o pecado é considerado uma tristeza que se causa a deus, a reparação é consolar, alegrar com gestos contrários (filho pródigo se afasta do Pai e volta para a casa do Pai).
- Se o pecado causa “sofrimento” a Deus... a reparação seria compensar injúrias de algum modo dirigidas ao amor incriado, que é esquecido, ultrajado, menosprezado pelo pecado.

É uma reparação característica de Santa Margarida Maria e também do Pe. Dehon. A reparação seria “consolar” Jesus. A expiação que se dava para “consolar” Jesus agora, era a seguinte: “Jesus expia também todas as faltas ainda não cometidas no momento histórico em que se comete cada um desses inumeráveis pecados. Neste dia, nesta mesma hora, se eu quiser compreender plenamente o que foi a paixão, posso e devo representar-me Jesus agonizante, prostrado com a face em terra, por causa dos pecados.

Hoje, neste momento, por causa dos meus pecados, lhe cravaram os pregos nas mãos e nos pés... “Jesus estará em agonia até o fim dos tempos, não convém dormir durante este tempo” (pascal).

Quando nos falamos de consolar o Coração de Jesus sofredor, não é preciso tomar esta expressão com um simples modo de dizer, sobre o pretexto de que Jesus ressuscitado e glorioso, não pode mais sofrer nem morrer.

As pessoas que Jesus associa mais estreitamente à sua paixão, em geral, vêem este drama no presente e não como recordação de um passado longínquo” (Feuillet – *Die vivant*, 17, p. 86, citado por Marcel Denis, in *Spiritualité Dehoniana*, Bologna 1954, p. 170).

2.3 – A práxis reparadora nesta visão teocêntrica.

O gesto reparador se concretiza com a prática dos exercícios, recomendados especialmente por Margarida Maria: missa e comunhão reparadoras, santificação das primeiras sextas-feiras do mês, Hora Santa às quintas-feiras, adoração ao Sagrado Coração de Jesus no Santíssimo Sacramento.

A espiritualidade vitimal, recomendada aos devotos do Coração de Jesus, é uma forma, uma maneira privilegiada de fazer reparação. Principalmente nos séculos XVIII e

XIX, desenvolveu-se na França um movimento espiritual ligado à devoção ao Coração de Jesus, que atraía muitas pessoas para oferecer-se como vítimas em substituição dos irmãos mais necessitados (os pecadores). Essa espiritualidade, expressão de uma ardente caridade que leva a imolação (embora não isenta de problemas) tem numerosos centros de irradiação na França. Ela lança suas raízes na Escola Francesa do Cardeal de Berulle.

Esta escola se alicerça num forte teocentrismo e prega uma ascese de negação de si mesmo, supressão de si mesmo. Tem uma visão pessimista do homem. O homem redimido deve unir-se a Cristo (vida de união – Pe. Dehon), para tornar-se participante da vida Dele.

Condren desenvolveu esta teoria. Tocado pela grandeza de Deus e pelo nada do homem, engendrou a teoria do “nihilismo”. O essencial na vida Cristã não é a adoração (Berulle), mas o sacrifício. A homenagem que a criatura rende a Deus é reconhecer o seu nada; e esse reconhecimento se realiza pela “destruição” de si mesmo, para que Jesus possa ser tudo nela.

Gestos reparadores (práxis) conseqüentes desta doutrina.

- a. A abnegação: estado de servidão, despojamento do homem velho.
- b. Estado de hóstia (Pe. Dehon), estado de vítima. “A alma não deve ser nada, para que Jesus possa ser tudo nela” (Condren).
- c. União aos “estados” de Cristo – aos mistérios de Cristo (Pe. Dehon).

Não resta dúvida de que o Pe. Dehon respirou e viveu esta espiritualidade. Basta ler o DE e as antigas constituições (81-85). Pe. Dehon fez também o voto de vítima e o queria para as Congregações: não se conseguiu definir o seu objeto e causava muitos problemas em pessoas menos equilibradas (e como numa Congregação há sempre pessoas bem equilibradas, outras menos equilibradas, e outras bem pouco equilibradas... a melhor solução foi proibir este voto).

Pe. Dehon falava também muito da união a Cristo e mesmo aos “estados” de Cristo (Vamos a Nazaré, ao calvário... cf Thesaurus Precum).

2.4 – O problema do sofrimento de Deus.

Esta perspectiva reparadora põe em evidência uma séria questão teológica: o sofrimento de Deus.

É nos muito difícil admitir num Deus eterno, infinito, imenso, plenamente feliz, qualquer mudança, qualquer sintoma de vulnerabilidade. Estamos acostumados a pensar em Deus com categorias filosóficas do primeiro motor, da causa primeira incausada, do transcendente inacessível, intocável às vicissitudes históricas do homem (alguém vivendo numa ataraxia lunar).

Entretanto, São João define Deus com a palavra amor: “Deus é amor” (1Jo 4,8). Ora, amor implica capacidade de compaixão e liberdade de parecer a alteridade do outro (cf texto de Jon Sobrinho, p. 6b). Jon Sobrinho, numa ousada afirmação diz: “Se Deus fosse, sob todos os aspectos e, portanto, num sentido absoluto, incapaz de sofrer, então seria também incapaz de amar” (Cristologia a partir da AL, p. 208).

O sofrimento por amor não é limitado. E, poderíamos mesmo lembrar uma frase do Pe. Dehon: “Não existe amor sem dor” (cf II, 67-69).

Numa conferência aos seus religiosos, missionários do Sagrado Coração, o Pe. Alfredo Bour cita uma frase de Maritain: “Se as pessoas soubessem que Deus sofre conosco e bem mais do que nós, por causa de todo mal que devasta a terra, muitas coisas mudariam sem dúvida e muitas almas seriam libertadas” (A.A. VV – O Coração de Jesus e a espiritualidade de Reparação, Loyola SP 1989, p.12).

Porque Deus é amor, existem, em seu mistério alegria e tristeza. Alegria quando o homem aceita a aliança com Ele, e tristeza quando o homem rompe esta aliança.

O Pe. Varillon, em seu livro *La souffrance de Dieu*, escreve: “No início deste pequeno livro, que se prevê com uma porção de interrupções – é possível que Deus sofra? Pode-se pensar que Ele não sofra? – que seja estampada como uma afirmação sem reticências a palavra alegria, alegria eterna de deus, alegria esperada pelos homens. Esta palavra é essencial para a minha fé” (p. 19, ed. Italiana).

Com estas palavras Varillon abre este livro que é um dos seus escritos mais estimulantes e originais, no qual interroga a Escritura e a poesia, a filosofia e a espiritualidade, em busca de um caminho que abra o íntimo de Deus, da vida de Deus.

Ele está convencido, com toda a grande tradição cristã, que crer num Deus que sofre, como mostra a paixão e morte de Jesus é “tornar mais misterioso o mistério, mas de forma mais luminosa”.

E o caminho (a senda) é exatamente aquele grito de Jesus na cruz que é ao mesmo tempo fulgente no seio da Trindade e um eco alucinante “dos porquês?” de cada homem: um grito que nos revela a profundidade de “um sofrimento puro, interior ao amor que é somente amor”. Este, e não outro, “é o sofrimento de Deus” do qual o crucificado é ícone.

Um pouca mais adiante, à p. 30, o Pe. Varillon transcreve uma carta de uma mãe de família, impressionada com a vulnerabilidade de Deus, talvez esta carta nos ajude a compreender um pouco o sofrimento de Deus:

“Quando meus filhos eram pequenos e eu pensava por eles, tudo era fácil: somente minha liberdade estava em jogo. Mas, quando chegou o momento em que tive consciência de que minha tarefa era acostumá-los a escolhas progressivas, senti – uma vez que consenti a inquietação instalar-se em mim. Deixando meus filhos tomar decisões e, portanto, assumir riscos, eu mesma assumia com isto, o risco de ver surgir outras liberdades, além da minha. Se, muitas vezes, continuei a tomar decisões em lugar dos meus filhos era (preciso admitir) para poupar-lhes o sofrimento, devido a uma opção que talvez lamentaria. Mas era também (e talvez mais) para não ter que correr o risco de ter que constatar que meus filhos haviam tomado decisões diferentes daquelas que eu teria desejado fazer por eles. Era, portanto, falta de amor de minha parte, pois, agindo assim, eu queria pôr-me a salvo de um possível sofrimento – ó sofrimento que experimentei cada vez que meus filhos tomavam um caminho diferente daquele que me parecia o melhor para eles.

Assim chego a perceber que Deus “Pai” possa sofrer. Nós somos seus filhos; Ele torna impossível qualquer coação de sua parte. Amor perfeito, sem cálculos, e que implica aceitação, em princípio de um sofrimento inerente a esta liberdade total que Ele quer para nós” (Varillon, F. – *La Sofferenza di Dio*, Citta Nuova, 1989, pp. 30-31).

Essa questão deve ser estudada à luz, creio, dos Evangelhos, onde se fala de alegria no céu por um pecador que se converta. É preciso não esquecer a alegria e a festa da mulher que achou sua moeda ou do Pastor que reencontrou sua ovelha, ou ainda o regozijo (a grande festa) do Pai ao ver o filho que volta.

À alguns anos, fez-se uma pesquisa entre os principais teólogos sobre alguns problemas que dizem respeito a nossa espiritualidade (cf St. Dehoniana, nº 6). Entre eles estava Urs Von Baltazar, Congar, Holstein, Feuillet, Boyer, Medina, Carlos Colombo, Tillard, Ratzinger, Lyonet, de Lubac, Lonergan, Malevez...

Em relação à sensibilidade do Senhor ao pecado do homem, a conclusão foi esta: “Sensibilidade não é sentimentalismo. É aqui que todo o aspecto da compaixão com Cristo sofredor permanece plenamente válida e fundada nas Escrituras” (J. Jaques, in S.D. 6, p. 73).

N.B. – cf Texto de Jon Sobrinho, p. 6b deste trabalho.

- DM, nn. 45-57
- Kitamovi, K. – Teologia del dolor de Dios, Edic. Sigueme, Salamanca, 1975
- Varillon, F. – La Sofferenza di Di, Citta Nuova, Roma, 1989
- Galot, J. – II Mistero della sofferenza di Dio, Cittadela Editrice, Assis, 1975

3. A Reparação em chave Antopocêntrica.

Esta leitura nasce de uma teologia da redenção identificada com a restauração, reconciliação, recriação do homem. Não se trata tanto de um Deus justiceiro, a quem o pecado roubou a honra, a glória, o louvor, e exige, por esta injúria, expiação, compensação, satisfação.

Prevalecer a idéia de um Deus amor, misericordioso que apesar da destruição do pecado, pela fidelidade a si mesmo (hesed – DM, n. 52), faz tudo para recriar o homem, para restaura-lo. Trata-se de restaurar a imagem de Deus destruída, torná-la de novo semelhante a Deus (restaurar a imagem de Deus no homem).

Vivemos numa época que tem aguda consciência da dignidade humana, embora seja ela tão tristemente (rejeitada e) desrespeitada: “A Glória de Deus é que o homem viva”.

3.1– O Objeto da Reparação – O Homem que sofre.

O pecado deixa marcas profundas no homem. Destrói sua identidade; corta seu relacionamento fraterno com os outros; de senhor das coisas torna-se escravo.

Puebla traça um quadro triste da situação do homem de hoje, vítima do pecado pessoal e social (cf DP 27-62.304.339).

Esse desvio de sua rota inicial provoca dor, sofrimento. O homem vive o drama da solidão, da falta de sentido, da ameaça de destruição, da opressão, do desrespeito à sua dignidade fundamental.

A ESPIRITUALIDADE REPARADORA passa por este caminho, junto com toda a Igreja. João Paulo II, na encíclica *Redemptor Hominis*, afirma: “O homem é e torna-se

sempre o caminho da vida diária da Igreja”. É por aqui que caminha a Igreja, e é também por aqui que deve caminhar a reparação.

3.2– O Conteúdo da Reparação.

Reparar é restaurar a imagem de Deus no homem oprimido, humilhado, desrespeitado em sua dignidade, homem analfabeto, torturado, vivendo em condições infra-humanas.

Reparação seria: restabelecer relações mais justas entre os indivíduos e as sociedades, trabalhar pelo desenvolvimento dos povos, pela paz, sob todas as formas, pela reconciliação, perdão, diálogo; luta contra o racismo, a violência, a discriminação, o ódio...

Reparação é lutar pela fraternidade entre os homens.

3.3– A Práxis Reparadora.

Três palavras poderiam resumir a práxis reparadora, em chave antropocêntrica: solidariedade, comunhão, disponibilidade.

- a. *Solidariedade*: João Paulo II define a solidariedade como “determinação firme e perseverante de se empenhar pelo bom comum, ou seja, pelo bem de todos e cada um, porque todos somos verdadeiramente responsáveis por todos (Sollicitudo Rei Socialis, 38).

Pela solidariedade, adere-se à causa do homem sofredor; é um compromisso efetivo com o homem, diminuído pelo pecado (cf GS 13). Participa-se da obra redentora de Cristo. A solidariedade passa a ser, desta maneira, uma forma de reparação, que permite ao homem o seu fim último, dirigir a sua existência e realizar a imagem divina presente potencialmente nele” (cf Cappelluti, scj – Eucaristia, oblação reparadora, in Deh. 72, 1987/2, p. 157).

Essa solidariedade com os irmãos passa pela solidariedade com o Cristo, único capaz de realizar a restauração do homem. Ser solidário é ser reparador; é gastar-se pelos outros, pelo bem dos outros, pela restauração do homem.

- b. *Comunhão*: Reparar é trabalhar pela comunhão, pela construção da convivência e das dinâmicas humanas que refletem o mistério da comunhão trinitária. A história da salvação se orienta para a comunhão entre os homens, que abrange todas as dimensões do ser humano: econômico, social, político...

Lutar contra tudo o que obstaculiza essa comunhão, como a luta contra os indivíduos, grupos, classes sociais e povos; lutar contra a corrupção, o hedonismo, a exaltação do sexo, e a superficialidade nas relações mútuas (cf DP 328) é ser reparador.

Observação: A trajetória espiritual do Pe. Dehon, na sua concepção da obra dos Oblatos, começa com Ecce Venio do amor e da oblação, passa pelo Fiat da generosa adesão e quer chegar ao Sint Unum da união e comunhão.

Neste projeto de comunhão nós podemos ver claramente um de nossos caminhos de reparação.

- c. *Disponibilidade*: Disposição – predisposição a aceitar as solicitações dos outros. Segundo o Pe. Bourgeois, disponibilidade (Cst 18,53,55,85) e solidariedade (Cst 10,22,29,38,51,67,75,140) resumem nossas disposições concretas de abandono e oblação (cf Bourgeois, guia de Leitura das Cst SCJ, p. 75 e ss).

A palavra “disponibilidade” aparece em o nº 18, em estreita relação com “a união com Cristo em seu amor pelo Pai e pelos homens” (17), segundo a lei da “interioridade recíproca”, formulada em o nº 17. Na escuta da Palavra e na partilha do Pão, a disponibilidade (expressão “em obras e verdade” de nosso amor para com todos, especialmente para com os que sofrem, Cst 18) é também “viver nossa união com Cristo”.

Esta mesma palavra aparecerá, de novo, em o nº 53, a propósito da obediência de Cristo, modelo da nossa; depois (Cst 55) onde significa “condição de vida comunitária”, e, em 85, referindo-se a Maria, apresentada como imagem perfeita da nossa vida religiosa.

Enfim, em o nº 144, disponibilidade nos é apresentada como a lei de nossa “conversão e renovação permanente”.

A palavra “solidariedade” aparece em o nº 10, caracterizando o relacionamento de Cristo com o mundo, na Encarnação; em o nº 22 é usada a propósito da nossa união com Cristo; esta contém uma dupla solidariedade: com Cristo e (nele presente na vida do mundo) com toda a comunidade e a criação. Os números 29 e 38 falam desta Segunda solidariedade:

“A exemplo de Cristo, também nós devemos viver em solidariedade efetiva com os homens” (nº 29).

“A nossa profissão dos conselhos evangélicos, torna-nos mais solidários com sua vida (dos homens)” (nº 38).

Disponibilidade e solidariedade (termos do vocabulário psicossociológico, concernente às relações humanas e sociais) não contém todo o sentido das tradicionais palavras: oblação e abandono.

Entretanto, como expressão da oblação, recebem desta sua significação e seu alcance propriamente teológico, tanto em nosso caso, como no de Cristo.

Os termos “disponibilidade e solidariedade” tem a vantagem de “concretizar a oblação. Aliás, sempre houve (no passado) o perigo de reduzir a oblação a “exercícios” (cf antigas Cst nº 10-11) ou de se fazer dela apenas o tema de algumas pias considerações.

A “disponibilidade e a solidariedade” mostram-nos como se vive oblação “em obras e em verdade” (Cst 18).

A Disponibilidade é, de certa forma, o desdobramento de nossa vida de oblação, no tempo; é colocar a duração de nosso ser e o emprego do seu tempo à disposição da atenção, da acolhida e do serviço do outro.

Nossas constituições nos falam muito da acolhida e do serviço (ao Pai, ao Evangelho, à missão, à Igreja... nº 10,25,34,27,30,31,48,50,51,52,54,55,56,61,62,70 – e toda a IV parte).

Todo esse serviço depende da disponibilidade e se faz nome da oblação. É a nossa própria vida, assumida e vivida em oblação reparadora. A própria vida é “retorno do amor”, sob forma de oração, serviço aos Irmãos, à Igreja e ao Evangelho. É verdadeira liturgia e sacrifício espiritual (cf Rm 12,1 e Ef 5,2), unidos ao sacrifício redentor de Cristo (Reparação).

A “Solidariedade” é de certa forma, nossa vida de oblação, em seu desdobramento espacial, isto é nas relações com o mundo e com os homens, na e pela união à oblação de Cristo, presente na vida dos homens.

Solidariedade significa presença, atenção, partilha, colaboração, participação, corresponsabilidade, comunhão. Também estes termos aparecem ao longo de todo o texto das constituições, seja a respeito de Cristo (9,10,11,19,22,23,28...), seja para caracterizar nossa relação com o mundo (02,23,25,29...) ou a vida comunitária (67).

Nossa oblação, unida à de Cristo, leva-nos a viver o movimento da Encarnação como inserção “no movimento de amor redentor” (Cst 21), em solidariedade com toda a humanidade e a criação inteira (Cst 22), leva-nos também, e sobretudo, a viver o sofrimento solitário, aceitando-o com paciência e abandono, pela redenção do mundo. Aqui temos a certeza de que mesmo o sofrimento solitário é também solidário (cf Cst 24).

Disponibilidade e Solidariedade (abandono e oblação reparadora) caminham sempre juntas. Não é possível haver solidariedade sem disponibilidade, nem disponibilidade, sem verdadeira e profunda consciência de solidariedade.

Enfim, esta vida de oblação – de disponibilidade na solidariedade / de solidariedade na disponibilidade – deve ser para nós o estímulo que nos mantém sempre ativos e interessados na re-criação, na restauração do homem e do mundo de toda a sociedade, das relações humanas segundo o coração de Cristo. Pe. Leão Dehon queria construir o Reino do Coração de Cristo nas almas e nas sociedades. E bem antes dele, outro Leão (Leão Magno) dizia que a reparação era a restauração do homem pela misericórdia e bondade salvífica de Deus. Significava restaurar, re-criar o homem. E isto feito pela misericórdia de Deus.

Hoje, quando afirmamos que misericórdia é o novo nome do Coração de Cristo, quando afirmamos que o Coração de Cristo, o amor misericordioso do Pai se torna objeto de nossa experiência, nós que decidimos jogar nossa vida toda numa espiritualidade do Coração de Cristo, somos convidados a unir nosso destino ao Dele – e junto com Ele sermos a presença da misericórdia do Pai para os nossos irmãos todos, principalmente para aqueles que mais precisam: os marginalizados, os pobres, os pecadores, os que sofrem, os que não encontram mais um sentido para a vida → em todos eles, junto com Cristo, tentaremos reconstruir a imagem de Deus.

Aqui adquirem um novo sentido palavras como amor, reparação, oblação, Ecce Venio, Ecce Ancilla, Fiat, Sint Unum, Profetas do Amor, ministros da reconciliação, disponibilidade, abandono, solidariedade.

E a força para vivermos tudo isto, nós a encontramos, juntamente com o Pe. Dehon, na contemplação do lado aberto do Senhor. Nós vemos no lado aberto do crucificado o

sinal do amor que na doação total de si mesmo recria o homem segundo Deus (Cst 21). Por isso, sentimo-nos fortalecidos nesta contemplação, para unir-nos ao amor redentor, doando-nos aos irmãos, com Cristo e como Cristo.

Embora sabemos que também nós somos fracos e envolvidos pelo pecado, queremos unir-nos a Cristo, presente na vida do mundo, pelo desempenho de nossas tarefas e solidários com Ele, junto com toda a humanidade e a criação, oferecer-nos ao Pai, como oblação viva, santa e agradável (Cst 22).

Queremos viver nossa espiritualidade reparadora, acolhendo, em nós o Espírito do Amor, respondendo ao amor de Cristo por nós, unindo-nos à sua oblação reparadora do Pai e colaborando com Ele na obra redentora neste mundo em que vivemos, lutando pela libertação integral de todos os homens. “Com efeito, é ali, em meio à vida do mundo que Cristo liberta do pecado e restaura a unidade entre os homens. É ali que Ele nos chama a viver a nossa vocação reparadora” (cf Cst 23).

A Reparação após a Conferência Geral de Brusque

A IVª Conferência Geral, realizada na América Latina tratou de um tema muito importante da Congregação: A Reparação Dehoniana Hoje. Nas reflexões estiveram muito presente o centenário da vinda dos primeiros missionários da Congregação à A.L. e, sobretudo, aquilo que se vive e reflete nesta América Latina. A reflexão sobre a riqueza recebida do Fundador e a busca de uma atualização de nossa reparação levaram-nos a sublinhar a sua dimensão social.

Tomamos consciência de que é nas realidades tão diversas de nosso tempo que somos chamados a viver a nossa reparação. A partir da nossa fé em Cristo, do seu modo de ser e viver, e ainda, a partir de nossa condição de religiosos dehonianos, tentamos descobrir as escolhas a fazer, em nossas comunidades e na Congregação, para que no futuro a nossa reparação seja vivida de maneira mais consciente, mas efetiva, segundo a nossa missão na Igreja e no mundo. A nossa reflexão sobre a reparação teve sempre como fio condutor a acolhida do Hoje de Deus (cf Cst 144).

O texto que enviamos a todos os religiosos da Congregação, procura responder a três perguntas que nos fizemos:

1. Qual é o mundo concreto em que somos chamados a viver a nossa Reparação?
2. Como a Reparação é compreendida entre nós hoje?
3. Quais as opções que devemos tomar, para servi-la melhor hoje?

1. Olhando o nosso mundo, percebemos que há contextos sociais, políticos, econômicos e culturais diferentes. No entanto, no Primeiro como no Terceiro Mundo, no Norte como no Sul, percebemos situações as mais diversas que não podem deixar-nos indiferentes. Confrontamo-nos com situações que nos pedem reparação: a desumanização do homem, a desagregação da sociedade, o secularismo e a perda do sentimento de Deus, problemas dos jovens e da família, questões de justiça social em todas as dimensões.

Neste mundo, a partir da nossa fé e da nossa esperança, e por causa de Cristo, somos chamados a colaborar ativamente para o nascimento de um “mundo novo já presente, em

germe, nos esforços vacilantes dos homens” (Cf Cst 10). Nesta realidade concreta, em total solidariedade com os homens de hoje, Cristo nos chama “a viver a nossa vocação reparadora, como estímulo para o nosso apostolado” (cf Cst 23).

2. A palavra *Reparação* nasceu no contexto preciso da devoção ao Coração de Jesus. Isto a une a um contexto cultural bem definido, e pode trazer algumas dificuldades quando tentamos explicar o seu significado num contexto diferente que lhe deu origem.

Para nós ela sempre foi uma maneira de expressar o carisma dehoniano em seus dois aspectos: o amor pessoal pelo Cristo na sua oblação ao Pai e as conseqüências no trabalho apostólico.

As dificuldades que temos hoje para expressar o que significa para nós a *Reparação*, levou algumas Províncias ou Regiões a buscar o auxílio de outras palavras para expressar a mesma graça das origens e a mesma vocação dehoniana. Assim, na A.L., a palavra *reparação* deverá ser associada sempre estreitamente aos valores de libertação e da solidariedade (disponibilidade, comunhão).

Convidamos a todos a refletir sobre este tema e indicamos como pistas três perspectivas que nos parecem muito complementares: a perspectiva antropológica, a cristológica e a trinitária.

Estes aspectos da nossa *Reparação*, inseridos em nossa espiritualidade cristocêntrica, nós os vimos expressos ao longo de toda a nossa Regra de vida. E nós compreendemos a *Reparação* como acolhida do Espírito, como uma unidade entre a união à oblação do Cristo, em resposta do seu amor por nós e pelo Pai, e a participação na sua obra redentora no seio do mundo. Isto implica, em particular, numa comunhão efetiva com suas escolhas e o serviço privilegiado daqueles que foram os seus preferidos.

Então, em Cristo e a partir Dele, nossa *reparação* torna-se necessariamente obra de comunhão, serviço de reconciliação com Deus e entre os irmãos, para a glória e a alegria de Deus (cf Cst 25).

3. A tomada de consciência, pessoal e coletiva, nos leva a relembrar a insistência do Pe. Dehon: “Vamos ao Povo!” E deixando bem claro que a inspiração reparadora deve “animar tudo o que somos e tudo o que fazemos” (cf Cst 25) em Conferência Geral pensamos que o primeiro objetivo de nossa *Reparação* hoje deve ser um engajamento pela justiça, nos contextos precisos dos países onde estamos presentes.

Qualquer que seja a forma de nosso engajamento, trata-se sempre de combater o que “no mundo atual constitui obstáculo ao amor do Senhor”, e acreditando realmente que todo esforço humano “para chegar a plenitude do Reino, precisa ser, sem cessar, purificado e transfigurado pela Cruz e Ressurreição do Cristo” (cf Cst 29).

Nós cremos no Cristo Ressuscitado que vive entre nós, mostrando-nos o seu coração transpassado, suas mãos abertas e marcadas pelas chagas. Um Cristo que nos convida a segui-lo na restauração do projeto do Pai, do seu Reino de amor e paz. Esse projeto não fracassará, porque Deus é Deus e “dono do impossível” (Foucauld).

Às vezes, as injustiças parecem contagiar tudo, mas nós continuamos a crer nas palavras de Cristo: “Coragem, confiem em mim, eu venci o mundo” (Jo 16,33).

O Concílio Vaticano II renovou a sua fé no poder de Deus e na boa vontade dos homens e reafirmou que o projeto de Deus avança na história, de forma irreversível. Sua realização plena se dará somente no além da história, mas deve começar aqui.

Esse projeto procura **reparar, transformar e refazer** o homem, a partir do interior, infundindo nele um coração novo. O amor de Deus é que realiza tudo isso (o seu amor misericordioso). Ninguém poderá mudar se não se sentir amado (também em nossas comunidades religiosas).

Se quisermos ser reparadores, precisamos amar nossos irmãos e formar cristãos de coração permanentemente aberto a Deus e aos irmãos. É preciso ser “**expert**” em humanidade (diria Paulo VI), **atento, solidário, consciente de sua própria fraqueza, respeitoso para com as pessoas, paciente**. Não podemos voltar as costas para os que precisam de nós; não ter medo de sujar as mãos ou de correr riscos. Precisamos aprender a ver nos outros todo bem que ninguém vê, ser livres e libertadores (levar a salvação integral a todos).

O projeto de Deus procura reparar as rupturas e as brechas sociais criadas pelo pecado do homem, com uma obra de reconciliação que abarque a Deus e todos os homens e, assim, possa transformar a sociedade.

Pelo pecado, o homem recusara o amor de Deus. Este amor, porém, foi imensamente maior do que o pecado do homem. Com amor solidário, Jesus assumiu a condição humana (Encarnação – Ecce Venio) e a renovou radicalmente. A restauração do homem foi realizada por Cristo, que assumiu a nossa condição humana.

Ao dar a vida, na oblação total da Cruz, ao Pai pelos homens, Ele nos entregou o seu Espírito. Acolhendo esse Espírito, entretanto nesse mistério da Redenção e, junto com Cristo, tornamo-nos reparadores. Precisamos conscientizar-nos profundamente de que é possível melhorar o mundo, somente, se estivermos unidos ao Salvador, se acolhermos em nós o Espírito que Jesus nos entregou na Cruz.

Com São João e o Padre Dehon, somos todos convidados a voltar o nosso olhar para a Cruz, para o Cristo transpassado.

O mundo do Coração de Cristo, transpassado na Cruz por amor aos homens, por amor a cada homem e a cada mulher em particular, oferece-nos suas riquezas inesgotáveis de paz, de convivência e diálogo, para que, bebendo delas, nasça em nossas comunidades uma multidão de pregadores do Evangelho e construtores da Civilização do Amor.

A essa tarefa somos chamados todos e parece que nos indica um caminho onde será possível viver **o amor e a reparação**.

Sugestões de leitura:

Gn 2,20
Ex 34,6-9
Ex 36,6-9
Dt 5,6-10
Dt 7,6-8
Os 11,1ss
Jr 31,3.31-34
Ez 36,25-28
Gl 4,4-6
Gl 2,20
Fl 2,5-11
Ef 2,1-11
Ef 1,3-6
Ef 5,21-32
Cl 1,3-8
Cl 1,19-23
2Cor 5,18
2Cor 11,20
Rom 8,22-23
Lc 1,67-79
Lc 22,42
Mt 25,31-41
Mt 11,25-30
Jo 4,34
Ap 19,7-8
Ap 21,9

Cst 18 ; 21-28 ; 31

Curitiba, 04 de setembro de 2001.
P. Francisco Sehnem, scj